

O saber ocupa lugar

DAN WILSHER, cidadão londrino de nove anos de idade, nascido e criado em *Earl's Court, SW 5*, e partidário do *Manchester City* (não confundir com o *Manchester United*, o que seria imperdoável); **Dan Wilsher**, meu vizinho de rua e grande admirador dos astronautas (1.º prémio de redacção livre com o tema *Para que Serve a Lua, ano lectivo 1968-69*) — **Dan Wilsher**, dizia, acaba de vencer a primeira batalha eleitoral da sua vida. Foi escolhido por maioria de votos para presidente da comissão de festejos do Natal do colégio.

Agora anda naturalmente asoberbado com problemas novos. Reúne-se com a professora encarregada das actividades dramáticas e com os delegados de outros colégios, visto que se trata de uma manifestação interescolar, conhece artistas plásticos, actores encarregados da encenação, senta-se, em suma, à mesa do alto nível. Ainda há dias, tinha à espera dele uma «station» da BBC-Television.

«Ganhei a votação», explicou-me o Dan, «porque não sou distraído e escrevo tudo no meu diário. Tenho um diário que ninguém pode ler. *It's private*, compreendes?»

Compreendo. Não lhe digo que há escritores que fazem diários para os outros lerem, nem lhe faço o elogio pedagógico das pessoas dotadas de espírito de organização. Limito-me a admirar, cá no íntimo, a vitória do meu pequeno vizinho numa campanha em que alguns dos concorrentes «já tinham onze anos». Portanto, palmas para Dan Wilsher.

PARA LÁ DA SEBENTA E DE ARISTÓTELES

Palmas também para o *Queen's College*, de Oxford, que vai à frente de um conhecidíssimo programa da televisão — *The University Challenge* —, assim chamado. Todos os domingos, à hora em que os «écrans» lisboetas transmitem os educativos quartos de brinquedos e as espartilhadas séries juvenis para menores de idade média, milhões de espectadores britânicos acompanham uma competição entre as diversas universidades sobre temas de cultura geral. Ciência, desporto, música e política, cinema e história universal, a filatelia, o *fait-divers* — tudo isso entra neste campeonato em que se defrontam equipas, devidamente constituídas de modo a abarcarem um extenso e variado panorama do conhecimento.

Assim, aceita-se desde logo que a Cultura não é uma coisa morta, um rememorar historicista sublinhado na sebenta. Saber que *Norman Mailer* é o autor de *The President Papers* é tão necessário à pontuação como identificar, numa cançoneta, um poema de *Baudelaire* e apontar o intérprete, *Georges Brassens*. Ter uma ideia do teatro de *Julian Beck* ou conhecer as conse-

quências da tomada de *Bizâncio* são condições às vezes decisivas neste confronto. E quem foi o corredor inglês que em tal ano e representando tal marca foi consagrado campeão do volante?

Esta e outras iniciativas trazem a Escola ao convívio do grande público. Arrancam-na aos limites da carteira e da biblioteca, libertam-na do reduto de «élite» em que estava por tradição segregada e, ponto importante, introduzem-na nos *current affairs* do país.

Abre-se o *Times* e lê-se: «*Lindsay Gordon*, de 17 anos, ocupou hoje o cargo de director de empresa, mas apenas por algumas horas. Com mais dois alunos do *St. Bartholomew's School*, de *Newbury, Berkshire*, *Gordon* passou o dia com os directores de uma fábrica, acompanhando-os na sua rotina de trabalho. Assistiu a uma reunião de dirigentes e a um diálogo telefónico com *Dusseldorf* sobre uma decisão importante de unidades a exportar...» E etc.

Acontecimentos destes estão longe de visar a sensacionalismos de ocasião ou à demagogia trabalhista. A todo o passo se põem em prática iniciativas extra-universitárias, com vistas a integrar o aluno numa perspectiva de responsabilidade nacional. No dia-a-dia britânico, as análises públicas dos grandes problemas representam-se como uma instituição valiosíssima. Especialistas de prestígio são chamados a explicar uma questão de actualidade — métodos avançados de ensino, «contrôle» da emigração, tecnologia dos mercados, aplicações da informática, etc. — e lá comparecem grupos de estudantes interessados em ouvir e debater ideias. Fazem-no sem exibicionismos nem subseriências, num diálogo que, não raramente, é ampliado às audiências da rádio e da televisão.

UM NOVO PERFIL

Porque o perfil das sociedades, tendo adquirido novas proporções e traçado novas linhas de equilíbrio, impõe uma nova integração do estudante nos esquemas da vida colectiva. Em *Cambridge* inaugurou-se o primeiro bloco de apartamentos para universitários casados; nos *Estados Unidos* certas grandes em-

presas começam o recrutamento dos seus quadros, subsidiando alunos e criando bolsas; *Lindsay Gordon*, aos 17 anos, faz o seu primeiro contacto com o mundo da grande indústria; *Dan Wilsher*, o pequeno presidente de *Earl's Court*, conhece o teatro por dentro...

A actualização do aluno com as realidades quotidianas é um treino que, em primeiro lugar, assenta no reconhecimento da responsabilidade cívica do estudante.

O DOM DA PALAVRA

Deus criou os sons, a Cultura fez a palavra. Quando se pensa que o inglês é uma superfície de algumas jardas de lá escocesa rodeada de nevoeiro, está-se tão errado como quando se diz, que «*le portugais est toujours gai*», (precisamente o contrário, por sinal).

Sim, porque se alguém sabe ouvir e pedir a palavra é este cidadão individualmente silencioso mas colectivamente activo e humorado. O mesmo que na rua pede desculpa pelo menor gesto e que dirigindo-se publicamente a um responsável de prestígio é certo na exposição e não se dispensa do à-vontade do humor. E isto corresponde a uma aprendizagem.

É da preparação para o diálogo e para a responsabilidade colectiva organizada desde as zonas elementares da escola, que vêm o direito e a capacidade racionalizada de argumentar, o interesse e o conhecimento da vida pública de que os estudantes e o inglês médio dão provas diárias e inequívocas.

O meu pequeno amigo *Dan Wilsher* deu já as primeiras provas nesse sentido. Vê-lo-ei amanhã nas assembleias universitárias da União ou, quem sabe, nos canais da televisão como representante do seu *College* em *The University Challenge*.

Perderá inibições, habituar-se-á a expor e a saber ouvir.

E isso define uma sociedade: o hábito e a capacidade de argumentar em público

José Cardoso Pires

